

Jogando com os Deuses: Jogos Olímpicos Rio 2016 na cena escolar

Flávio Nunes dos Santos Júnior¹

Contexto

O presente relato descreve a tematização dos Jogos Olímpicos Rio 2016, realizada por 8 meses junto às turmas do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Ariston Oliveira, no ano de 2016. A unidade oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e se localiza na região do Capão Redondo, zona sul da cidade de São Paulo. Um território cercado de marcas negativas por quem está do “outro lado da ponte”, mas efervescente em termos de produções culturais, apesar das carências de equipamentos públicos para sua promoção.

As ações docentes inspiraram-se no currículo cultural da Educação Física. Conforme Neira (2016a) e Neira e Gramorelli (2017), trata-se de uma proposta pautada pelas teorias pós-críticas², que compreendem a cultura como campo de luta pela validação de significados e a linguagem enquanto constituinte da realidade. Assim, as práticas corporais (brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas) são vistas como artefatos culturais cujos significados resultam de embates entre grupos e setores da sociedade, além de estarem atravessadas por diferentes marcadores sociais, como classe, etnia, gênero, religião, geração, orientação sexual, moradia etc. Diante disso, o currículo cultural busca questioná-los, bem como reconhecer os sujeitos que participam dessas práticas e os significados que lhes são atribuídos, promovendo o diálogo com aqueles e aquelas política e socialmente posicionados na condição de diferença.

A experiência narrada a seguir buscou inspirar-se, principalmente, na perspectiva pós-colonialista, na medida em que buscamos dar atenção aos significados proferidos pelos grupos subjugados sobre o tema em questão. Uma Educação Física se sensibiliza com as práticas corporais vinculadas aos variados grupos que compõem a sociedade, fazendo dialogar os significados oriundos dos setores privilegiados com aqueles advindos de grupos com menos prestígio. Além disso, problematiza as representações que cercam as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, bem como os/as seus/suas praticantes, na tentativa de desconstruir eventuais discursos

¹ Professor da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e estudante de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). E-mail flajnr@yahoo.com.br

² Entre outras, são chamadas teorias pós-críticas, o pós-estruturalismo, pós-modernismo, estudos culturais, multiculturalismo crítico, pós-colonialismo, teoria queer e estudos feministas.

divulgados por setores interessados em desqualificar o patrimônio cultural do outro (NEIRA,2016b).

Desenvolvimento

Os primeiros contatos com a turma foram rodeados de diálogos sobre as experiências com as aulas de Educação Física. Vasculhando a memória, os/as estudantes afirmaram: “A gente jogava futebol”. “Queimada”. “*O que mais?*”. “Teve vôlei também”. “Corrida”. “Ginástica”.

Aproveitando essas colocações e o cenário que antecedeu a edição dos Jogos Olímpicos no nosso país, decidi tematizar³ o evento. Assim, estimei o diálogo para identificar o que os estudantes sabiam a respeito: “Reunião de vários países”. “Várias modalidades”. “*Quais?*” “Salto com vara”. “Natação”. “Lançamento de disco”. “Levantamento de peso”. “Salto em distância”. “Futebol”. “Nado sincronizado”. “Tênis”. “Tênis de mesa”. “Handebol”. “Ciclismo”, “Ginástica”. “Patinação”. “Esgrima”. “Tem entrega de medalha”. “Tem dinheiro também”. “Passa na TV”.

Esse mapeamento⁴ permitiu perceber o quão informados estavam sobre o assunto e organizar as atividades de ampliação e aprofundamento⁵ dos saberes, além de selecionar os seguintes objetivos para o trabalho:

- Analisar a participação da mídia na construção das representações sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016;
- Analisar parte do processo de organização dos Jogos Olímpicos Rio 2016;
- Aprofundar e ampliar os conhecimentos sobre a história dos Jogos Olímpicos;
- Vivenciar e analisar as modalidades pertencentes ao quadro olímpico;
- Analisar o acesso a equipamentos esportivos na comunidade.

Após registrar e examinar as falas dos/as estudantes, resolvemos iniciar a viagem pela história dos Jogos Olímpicos desde sua gênese na Antiguidade. Conversamos sobre a Grécia Antiga e o perfil daqueles que participavam das competições: homens brancos e pertencentes a uma classe social mais elevada. Vimos o

³ Tematizar significa abordar algumas das infinitas possibilidades que podem emergir das leituras produzidas por estudantes e docentes sobre uma determinada prática corporal (SANTOS, 2016).

⁴ Mapeamento é um procedimento didático do currículo cultural de Educação Física. Um recurso usado pelo/a docente para identificar quais práticas corporais estão disponíveis aos/as estudantes, bem como reconhecer os conhecimentos sabidos por eles/elas sobre uma determinada prática (NEIRA, 2016).

⁵ Aprofundar significa conhecer melhor a prática corporal selecionada. Ampliar implica recorrer a outros discursos e fontes de informações distintos dos apresentados inicialmente ou no decorrer do trabalho (NEIRA, 2016).

quanto o evento era representativo para os gregos: um momento festivo que começou em 776 a. C., realizado com propósitos religiosos e atléticos, a cada quatro anos, no santuário de Olímpia. O nome do evento se deve justamente à localidade onde ocorriam as contendidas. “*Quais deuses eram adorados?*”. “Não sei”. “*Zeus, Poseidon, Atena, entre outros*”. “Ah!!! Esses deuses têm no jogo God of War”. “Têm também no filme Percy Jackson”. “E o que vocês acham desses deuses?” “Normal”. “Não tem nada de curioso?”.

Além desses aspectos de criação e de divindade, debatemos as modalidades que faziam parte: corridas predestinadas, corrida de bigas, luta e pentatlo (lançamento de disco, lançamento de dardo, salto em distância e corrida). O debate nos permitiu introduzir os motivos que deram fim ao evento na Antiguidade, entre eles, a intransigência do imperador Teodósio devido a uma certa incompatibilidade religiosa.

Em meio a essa fluidez de informações, iniciamos as vivências com o voleibol. “Ah!!! Para, professor, passa futebol”. “*Não. Vamos nos dedicar aos esportes que vocês tiveram pouco contato*”. Na quadra, os/as estudantes mais habilidosos se impuseram para iniciar o jogo. “O time ‘é’ eu, Cais...”. “Vocês ‘é’ próximo”. “*Por que vocês vão começar jogando?*” “A gente fez primeiro”. “*Nada disso, eles também têm de jogar*”. “*Vamos formar os grupos e decidir de forma mais justa para começar*”. “Como?”. “*Sei lá, tira 2 ou 1*”. Resolvido esse entrave, iniciamos o jogo, aqueles/as que já tinham tomado contato com o esporte davam dicas aos/as colegas menos experientes. Conforme o jogo acontecia, explicávamos e demonstrávamos a gestualidade específica (saque, manchete, cortada, bloqueio, levantamento), criando abertura para outras possibilidades na tentativa de potencializar aquilo que fosse produzido pela turma. A ideia era valorizar as experiências do grupo e romper com a lógica colonial de padronização dos corpos, bem como dos movimentos.

Também discutimos a retomada dos Jogos Olímpicos na Era Moderna. Verificamos a centralidade do processo na figura do Barão Pierre de Coubertin, o palco e o panorama da época e, principalmente, o perfil dos participantes: homens brancos, majoritariamente europeus. Essa última característica nos deu condição para questionar as desigualdades entre homens e mulheres. “*As mulheres, para fazerem a mesma tarefa que os homens, recebem salário inferior*”. “*Está certo isso?*”. “Lógico, nós é f...”. “Claro que não, a gente merece receber o mesmo”. “Muitas vezes reforçamos essas desigualdades durante as aulas, afirmando ‘*tira essa menina daqui, prô, ela não sabe*’

jogar”. “É verdade, esses meninos se acham”. “*Levanta a mão quem nunca ouviu isso!*”.

As respostas dos/das estudantes levaram-nos a expor o direito de todos serem quem são, de vivenciarem a escola, bem como as atividades selecionadas, organizadas e propostas, conforme as experiências anteriores de cada um/a, sem que exista um modo único e fixo de realizá-las.

Na continuidade, estudamos a simbologia dos artefatos olímpicos : tocha, fogo, arcos e mascote. Conversamos sobre a passagem da tocha por várias regiões até o local da cerimônia de abertura, onde está a Pira Olímpica. Os arcos azul, amarelo, preto, vermelho e verde representando a união dos povos. Vimos que suas cores correspondem aos continentes, mas também que, ao menos uma está presente na bandeira de todos os países que participam dos Jogos. O mascote pode ser um animal ou alguma pessoa que represente o patrimônio cultural do país anfitrião.

Também pesquisamos as modalidades disputadas no Rio de Janeiro. Observando seus locais de prática, elaboramos coletivamente a seguinte classificação: esportes aquáticos, de campo, de quadra e lutas. Avaliamos as condições da escola e discutimos quais poderíamos vivenciar: badminton, basquetebol, boxe, esgrima, futebol, ginástica, golfe, handebol, judô, luta greco-romana, rúgbi, tênis, tiro esportivo e voleibol.

Também conversamos sobre os Jogos Olímpicos de Inverno, Jogos da Juventude e Jogos Paraolímpicos. O primeiro nasce com a proposta de atender aos esportes praticados na neve ou no gelo, como patinação artística, e hóquei no gelo. “*Será que podem acontecer aqui no Brasil?*”, “Não, né, aqui não cai neve”, “É verdade”. O segundo é uma vertente direcionada às/aos jovens com idade entre catorze e dezoito anos de idade. “*São pessoas da idade de vocês que participam*”. “É verdade?” “Como faz para participar?” “*Aqui no Brasil tem de estar treinando em algum clube ou instituição.*” “Vixi.” “*Conhecem alguém que treina em algum?*” “Eu não”, “Eu também não”. “*Então, é um lugar muito seletivo*”. O terceiro nasce com a intenção de favorecer a reabilitação de combatentes de guerra e com o passar dos anos começa a receber pessoas com acometimentos diversos que dificultam a funcionalidade, tanto adquiridos quanto congênitos.

Em paralelo às conversas, mergulhamos nas vivências do basquetebol. Discutimos as regras que a turma conhecia: pontuação, bater a bola no chão (execução de drible), não andar nem correr com a bola e o espaço de jogo. As meninas começaram a abandonar a partida. “*Gente, por que vocês saíram do jogo?*”. “Ah, esses meninos são

muito cavalos”. “Eles empurram a gente”. “Não dá”. “Eles não passam a bola”. “Vamos jogar só entre nós”. “Está bem”.

Tentei dialogar com os meninos, a fim de identificar suas percepções sobre as produções no jogo e a respeito da leitura das colegas. “*Elas estão reclamando de vocês*”. “Ah, professor, essas meninas são tudo fresca”. “Por que fresca?”. “Elas ficam paradas”. “*Vocês têm de observar que cada um joga de um jeito e agora elas não querem jogar com vocês, elas querem jogar só entre elas*”. “Eu não vou sair, não”. “*Vai sim, elas também têm o direito de jogar*”. “*Vamos meninas, formem os grupos*”.

Mediante a insistência, as meninas retornaram à quadra conforme a condição sugerida por elas. Uma demonstração de resistência, uma mobilização enviesada pelo direito de jogar de acordo com as próprias características. Não desejávamos tal separação, pois a proposta era proporcionar o enfrentamento do problema vivido, de tal forma que meninos e meninas, dentro do mesmo cenário, produzissem juntos seus jogos, rachando as barreiras separatistas do meio esportivo.

As tensões seguiram tendo como pano de fundo foi a situação encontrada na cidade sede dos Jogos Olímpicos, o Rio de Janeiro. Discutimos as reivindicações de alguns movimentos sociais no que diz respeito à situação da saúde, transporte e educação de seu território, em contraposição aos gastos para organização do evento. Como destaque, apresentamos o período de greve dos professores da rede de ensino carioca por reajuste salarial e reconhecimento, bem como a ocupação de estudantes em algumas escolas, que lutavam por melhores condições de ensino. O assunto fez eco: “Nossa escola também está precisando melhorar”. “Olha esse chão!”. “Essas mesas estão zoadas”. “Falta professor direto aqui”.

Retornando à vivência do basquetebol, o grupo foi irredutível, principalmente as meninas não quiseram jogar com os meninos. A dificuldade foi escolher quem começaria, repetindo o entrave que acontecera com o voleibol. “O time sou eu, ele, Fernandis e Fabis”. “Aqui também já está feito”. “Vocês são próximos”. “*Como assim? Nada disso*”. “Elas vão jogar depois”. “*Meninas, o que vocês acham?*” “Pode ser, a gente ainda vai fazer os times, professor”. “*Então tá bom*”. Organizamos de uma forma que todos os interessados pudessem jogar o mesmo tempo, cinco minutos para cada grupo. Isso permitiu a realização de dois jogos entre elas e outros dois entre eles.

Recorrendo às novas análises, assistimos a vídeos que abordam o plano de exclusão de pobres e negros de acessarem determinadas áreas do Rio de Janeiro, locais de grande concentração de empresas e circulação de pessoas das classes mais

favorecidas. Além disso, debatemos a intensificação da presença de militares para garantir a segregação. “Isso é injusto”. “*Olha pela janela da sala, a nossa quebrada é formada por pessoas pobres*”. “*A cidade de São Paulo também é excludente*”.

Aprofundando as observações em torno do esporte enquanto espetáculo, analisamos o “deus mercado” a partir de uma série de vídeos com o título “Olimpíadas pra quem?”⁶, disponibilizados na internet pelo grupo Criar Brasil. Vimos o quanto a mídia tentou ludibriar a população para assistir e prestigiar o evento. “*Como a mídia apresenta a cidade do Rio de Janeiro?*” “Como um lugar bonito”. “Cheio de praias.” “Pessoas felizes”. “*Por que será que ela faz isso?*” “Para as pessoas assistirem”. “Para dar audiência”. “*Quanto mais audiência, acontece o que?*” “Mais dinheiro eles ganham”. “*Por que eles não mostram as mobilizações e manifestações que estão ocorrendo?*” “Porque as pessoas vão se revoltar”. “Não vão assistir”.

Além dessa manipulação, o vídeo, logo em seu início, oferece elementos suficientes para compreendermos como as coisas foram organizadas, a fim de garantir a realização do evento esportivo. “*O que o vídeo mostra?*” “Mostra obras”. “Trânsito”. “*O que mais?*” “Mostra as máquinas derrubando as casas das pessoas”. “As pessoas protestam”. “Daí chega a polícia”. “*E o que a polícia faz?*” “Joga bomba”. “Depois a TV mostra só o policial contando a história”. “*E ele diz o que?*” “Diz que são vândalos”.

Neste contexto de deturpação e influência, atentamos também à organização das grandes empreiteiras que ganharam as licitações para realização das obras. Além disso, verificamos a exploração de outros espaços e equipamentos públicos por parte de algumas empresas, ou seja, o setor privado avançando sobre os espaços públicos, impedindo as pessoas de acessá-los, em virtude da cobrança de tarifas acompanhada da repressão policial. Chegamos à conclusão que esse conluio objetivou o aumento do lucro pela via da seletividade do público, privilegiando as pessoas com recursos.

A discussão não foi nada fácil, a impressão inicial era a de que os/as estudantes não estavam entendendo absolutamente nada, mas com a assistência aos vídeos e as conversas sobre seu conteúdo, a leitura ficou cada vez mais fácil: “O que é Parceria Público Privada?” “Quanto foi gasto?” “Qual o problema de cobrar para entrar nos lugares?” “A parceria público privada é quando o governo faz parceria com alguma empresa”. “Foram gastos R\$ 38 bilhões com as Olimpíadas”. “*Todo mundo tem*

⁶ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_S2OBMiLVPg.

condição de pagar para entrar nos lugares?”. “Não”. “*É justamente esse o problema, o lugar que era público fica restrito*”. Direcionando o questionamento do vídeo aos alunos “*Olimpíadas pra quem?*”, ouvimos: “Para os ricos”. “Para as empresas”. Concluímos dizendo que mesmo que os pobres se beneficiassem em algum aspecto, as vantagens seriam muito maiores para a classe dominante .

As vivências dos esportes ocorriam simultaneamente às discussões. Tal organização das atividades era novidade para os/as estudantes. A próxima modalidade a ser vivenciada foi o tênis. Com raquetes e bolinhas em mãos, decidiram que jogariam em equipes de três ou quatro pessoas simultaneamente em cada lado da quadra. As regras foram reelaboradas segundo esse contexto. O princípio era rebater a bolinha sobre a rede em direção à quadra do grupo adversário. “Ai, eu não consigo”. “Isso é muito difícil”. “Eu não sei, não vou jogar, não”. “*Quem aqui já jogou tênis?*” “*Viu? Tá todo mundo aprendendo*”. “Vou jogar com você, espera pingar uma vez para rebater”. Enquanto alguns resistiam, outros se arriscavam. Quem tinha dificuldade era orientado/a pelos/pelas colegas.

As políticas públicas do esporte também foram problematizadas. Buscamos debater como o governo atua nessa frente. O assunto iniciou quando dois estudantes comentaram entre si: “Nossa, o Brasil é um lixo, só tem duas medalhas de ouro”. Verificando o quadro de medalhas das Olimpíadas, vimos que o Brasil tinha um desempenho abaixo de outras nações. Começamos o diálogo pela aparição dos esportes na mídia mais acessada pelos/pelas estudantes: “*Quantas vezes vocês veem handebol, basquetebol, atletismo, ginástica, tênis e ciclismo na televisão?*” “Passa na Sportv”. “Na Fox”. “*Certo, mas e na TV aberta?*” “Passa basquete”. “Qual outro?” “É difícil”. “*Pois é, passa a cada quatro anos, ou seja, só quando acontecem os Jogos Olímpicos. Qual esporte passa mais?*” “O futebol”. “*O que isso acarreta?*” “Poucas pessoas conhecem os outros”. “*Se poucos conhecem, o que pode acontecer?*” “Tem poucos praticantes”. “*Qual esporte recebe mais investimento no Brasil?*” Não demoraram para entender uma possível explicação para o quadro de medalhas.

Analisando o acesso ao esporte no Brasil, tentamos entender como a comunidade está organizada para a prática de diferentes modalidades. A turma citou o uso do campo de futebol e das quadras das escolas. “*Isso é suficiente?*” “Não”. Outros acharam que somente o campo basta para realizar o futebol: “tem o campo, todo mundo vai lá, só não vai quem não quer”. “Então tá, como você vai fazer natação?” “Isso não

tem como”. Observamos a carência de equipamentos esportivos na região, o que implica na dificuldade de acesso dos/as próprios/as estudantes aos esportes e a outras atividades.

Retomando as vivências do tênis, rebater a bolinha estava cada vez mais fácil (ou menos difícil). Os estudantes formaram grupos, em roda, cada um rebatia a bolinha em direção ao companheiro. Outros estudantes, em dupla, rebateram a bolinha para quem estava na extremidade oposta da quadra. Os grupos se rodiziavam sem dificuldades.

A experiência com basquetebol e voleibol foi além das vivências, passou pela história das modalidades. Verificamos as circunstâncias da criação nos Estados Unidos no final do século XIX, numa instituição cristã frequentada majoritariamente por homens de classe social elevada. Após ganhar impulso pelo território norte americano e mundial, esse cenário seletivo tomou outra forma, até mesmo para sobrevivência desses esportes. Assim, em meio ao século XX, negros, mulheres e crianças tornaram-se adeptos.

Inferimos que a entrada do basquete e do voleibol no quadro Olímpico possa ser atribuído à semelhança de suas trajetórias com a dos Jogos da Era Moderna, afinal eram pessoas pertencentes a um pequeno grupo que dispunham de condições para promoverem aquilo que valorizam, ao passo que desprezavam o envolvimento de sujeitos pertencentes a outros setores da sociedade.

Problematizamos a presença do basquetebol no entorno da escola e na cidade de São Paulo. *“No parque Santo Dias o pessoal joga todo domingo, porém é uma versão distante daquela vista nos Jogos Olímpicos, lá, na maioria das vezes, o pessoal usa apenas uma tabela e metade da quadra, jogando três contra três”*. “Ah professor, eu coleí lá no domingo e vi os ‘cara’ jogando”. “Na quadra do Irene os ‘cara’ jogam também”. “O legal é que lá no parque, enquanto o pessoal joga, o som fica ligado, geralmente toca rap”. *“Na cidade de São Paulo, um dos locais com maior movimento de praticantes de basquete é o parque do Ibirapuera”*.

Por outro lado, notamos que a prática do voleibol na região acontece nas quadras das escolas e nas ruas do bairro. *“O tio Zé⁷, por exemplo, joga voleibol na quadra de uma escola aqui da região”*. “Eu já joguei vôlei na rua”. *“Como?”*. “A gente estende a rede, amarra no poste e no portão, e joga”. “E quando vem carro?”. “A gente só levanta”.

⁷ Inspetor da unidade.

Ainda nas análises das modalidades, identificamos como o tênis se apresenta no nível profissional e social, bem como sua relação com os Jogos Olímpicos. Observamos que esteve ausente por um período no século XX. Ao assistir vídeos que apresentam a dinâmica do jogo, alguns estudantes se manifestaram. “Nossa, por que eles gemem?”. “*O grito faz parte do jogo, alguns dizem que ao produzi-lo se tem mais força no momento de rebatida da bolinha, mas tem gente querendo proibir, afirmando que desconcentra o adversário*”. Risos não faltaram quando a jogadora Serena Willians foi apresentada. “*Por que vocês estão rindo?*”. “*A mulher gemendo*”. “*Esses meninos só pensam besteira*”. “*Esse grito está em outro contexto. Essa jogadora relata numa entrevista o preconceito que ela viveu para permanecer jogando tênis, porque se vocês observarem a torcida, dá para ver quem são as pessoas que praticam o tênis, daí já dá para imaginar o quanto ela sofreu quando iniciou a carreira*”. “*É verdade, só tem branco na torcida*”. “*Ela fala que várias vezes ouvia piadas por ela ser negra e mulher*”.

Caminhando nas leituras sobre o jogo, vimos como o espaço de jogo é organizado, e da mesma forma como as anteriores, discutimos a promoção de prática na região. “*A torcida fica da mesma forma que no futebol?*”. “*Não, fica em silêncio*”. “*Acreditam que o barulho desconcentra os jogadores, daí só se manifestam quando algum jogador marca o ponto*”. “*Aqui na região tem alguma quadra de tênis?*”. “*Eu já vi na quadra do Irene*”. “*Lá tem aula?*”. “*Tem*”. “*Eu já vi os moleques com raquete*”. “*No parque Santos Dias também tem aulas, lá tem uma quadra só de tênis, é a única na região. Onde se vê bastante quadra é só da ponte para lá⁸. Infelizmente na periferia quase não existe*”.

Nessa altura, retomamos nossas anotações das aulas e percebemos a importância de recuperar as conversas iniciais acerca do significado dos Jogos Olímpicos. Lembramos aos estudantes que o evento tinha finalidades religiosas, de adoração aos deuses e pedimos para comparar com os dias atuais. “*Alguém consegue imaginar pessoas praticando esporte como forma de cultuar algum deus?*”. Quase que imediatamente, as questões religiosas ganharam evidência, atropelando aquilo que se apresentava familiar.

“*Por que as pessoas não se incomodam quando se fala de deuses gregos?*”. “*Como assim?*”. “*Por que falar de Zeus, Poseidon e Atena as pessoas aceitam bem,*

⁸ Alusão à ponte João Dias, sobre a avenida Nações Unidas, conhecida como Marginal do Rio Pinheiros. Na visão da comunidade, as classes sociais se dividem em função do lado da ponte onde residem.

mas quando se fala de alguns referentes às religiões de matrizes africanas se incomodam?”. “Porque é do mal”. “Isso é macumba”. “É fazer mal aos outros”. “Isso não é de Deus”. “As pessoas se mexem igual doido, parece que esta com o diabo no corpo”. “Onde você aprendeu isso?”. “Vou trazer o pastor da minha igreja aqui para falar com você”. “Pode chamar, será muito bem-vindo”. “Vou chamar uma pessoa da umbanda ou do candomblé para vir aqui”. “Credo, me avise antes que eu vou faltar”.

As religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras precisavam de espaço. Primeiro, para incomodar o que havia sido posto e, segundo, pelas falas de subjugação do negro enunciadas nos corredores da escola. Chamar o colega de outra sala de macaco era comum. Ninguém se incomodava. As repressões a essa atitude passaram a vigorar no ambiente quando tomávamos conhecimento. Acabaram diminuindo com o passar do tempo.

As tensões não foram poucas, aproveitando o acesso que a maioria tinha às redes sociais, apresentei algumas postagens com conteúdos racistas direcionadas a algumas mulheres. Ao lê-las, alguns deram risada, outros disseram: “Nossa, que absurdo”. “Credo”. “Desgraçado”. Em meio à indignação, perplexidade, estranhamento e gracejos, citei a Lei 7.716/89 que criminaliza atos resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Posteriormente, citei que macumba é o nome dado a um instrumento musical de percussão de origem africana, sendo macumbeiro/a aquele/a que o toca. Por último, tentando enfatizar a perseguição e a exclusão vivida pelo povo negro, vimos a reivindicação dos grupos negros pelo fim do extermínio da juventude negra pela ação policial, bem como a dificuldade que muitos/as garotos/as têm de concluir o Ensino Médio, em virtude das demandas para sobrevivência ou, até mesmo, da exclusão escolar.

Além disso, os significados de umbanda e candomblé também fizeram parte da conversa. A umbanda foi colocada como uma religião nascida no território brasileiro a partir da contribuição de outras religiões. Diferente do candomblé, que foi trazida do continente africano pelos negros de origem yorubá, escravizados no período colonial.

Em meio ao diálogo, dois estudantes se retiraram da sala por não concordarem com o tema. Autodeclararam-se evangélicos, disseram que ouviam constantemente significados negativos em relação às religiões de matrizes africanas e não se sentiam confortáveis em abordá-las. A diretora da unidade junto com a coordenadora encontraram os dois fora da sala e questionaram a situação: “O professor tá falando de macumba”. “Eu saí porque eu quis”. “Esse assunto não é de Educação Física, não tem

nada a ver, isso é de História, Filosofia, Sociologia”. “Dá uma prova para eles responderem sobre o assunto, professor”. Pressionados pelas falas da coordenadora e da diretora, os alunos retornaram, porém a discussão com a turma já chegara ao fim.

Lembrando do que a estudante havia dito sobre o convite ao pastor, entrei em contato com uma integrante das religiões de matrizes africanas, Ariele Campos. Para surpresa minha, ela aceitou conversar com a turma. Quando avisados, responderam: “Vou faltar”. “Fulano, você vem?”. “Sei não”. “Para professor”. “Ela vai fazer macumba”. “*Não, gente, ela vai conversar conosco sobre as nossas dúvidas discutidas na aula passada*”.

Chegado o dia, apenas uma estudante faltou. Ela perdeu a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos a respeito daquilo que ouvira ao longo de sua vida. Desprezou a chance de ouvir outra versão da história. O bate-papo aconteceu na sala de leitura, um ambiente mais acolhedor. Após se apresentar ao grupo⁹, a convidada desconfigurou o formato da sala, pediu para formarmos um círculo, justificando que essa postura é de tradição da cultura africana, pois estão embebidos do significado “aprender juntos”.



Iniciou dizendo: “Brasil, país formado por negros, quem não tem sangue de negro nas veias tem nas mãos”, e prosseguiu, “a perseguição aos negros, livres em seu país, de origem yorubá, bantu e jeje. A influência da cultura bantu no nosso idioma é desconhecida por boa parte da população, palavras como bunda e samba são de origem

⁹ A escrita da conversa está organizada conforme sua ocorrência. Uma tentativa de aproximar o relato da maneira que aconteceu a atividade.

africana. Foram trazidos grandes sacerdotes de vários povos, línguas diferentes, com bagagem diversa, inclusive religiosa, e submetidos à senzala. Foram coisificados, tudo o que possuíam lhes foi roubado. Proibiram suas religiões, dificultando a comunicação, misturando-os. Foram batizados pelos fazendeiros com outros nomes. As religiões candomblé e umbanda são monoteístas, igual ao catolicismo, têm um só deus, nós o chamamos de Olorum. E há os orixás, eles viveram na terra a mando de Deus e se tornaram sagrados. Cada orixá representa um elemento da natureza, por exemplo, água e terra. Se aproximam dos santos católicos, nós temos o Oxalá, o católico tem Jesus, nós temos Iansã, o católico tem Santa Bárbara. A Umbanda é formada pelo sincretismo indígena, pelo candomblé e pelo catolicismo. Nos quilombos a prática dos cultos era constante. Há também os terreiros, é o lugar onde a história é contada a partir do olhar do negro. Holocausto e escravidão moderna são considerados pela ONU como prejuízos enormes à sociedade. Nós não somos descrentes de Jesus, que foi uma pessoa enviada por Deus para pregar a bondade. Os escravos foram obrigados a se tornarem católicos”.

“Isso aqui pendurado em meu pescoço se chama guia, cada fio representa um orixá, cada pessoa carrega consigo um elemento da natureza, o meu é Omolu - que significa terra - com Iansã – que significa vento. Existem outros, Oxun é a divindade da fertilidade. Essa vestimenta que estou usando também tem um significado. As pessoas utilizam roupa conforme o espaço que frequentam, no culto africano é usada roupa própria, em respeito à ancestralidade, respeito ao mais velho, quando alguém morre é mais respeitado quando em vida”.

“Cada orixá tem sua comida. As refeições são realizadas diariamente junto com os orixás, por exemplo, a igreja católica tem a hóstia e o vinho como símbolos do corpo e sangue de Jesus Cristo. Insegurança alimentar é a comida que não deveria comer, a Sadia e a Perdigão matam os animais e os congelam para nos alimentar. O orixá não os come. No frango do mercado é colocado hormônio para crescer mais rápido e consumi-lo o quanto antes, não serve para alimentação. Nós chamamos de sacrifício animal”. A entrada neste assunto gerou uma discussão entre os estudantes, até então quietos: “É verdade, eles matam”. “Cala a boca, você não sabe de nada”. “Deixa ela falar”. Continuando, “o bicho tem de se entregar para ser servido de alimentação, enquanto ele fica agitado não se realiza, parte é para o sagrado e outra parte é para alimentação nossa. A entrega para o sagrado é posta na natureza, a terra absorve, servindo de adubo natural. Por isso, está errado fazer no meio da rua, na esquina, isso não dialoga com a história, pois as ruas estão asfaltadas e as calçadas cimentadas”.

“As religiões africanas foram demonizadas pelos europeus, isso as posicionou como um mal. A minha presença aqui é para desmistificar esse preconceito”. Um estudante perguntou: “por que a roupa é colorida?” “Pode ser de qualquer cor, conforme aumenta o grau de aprendizado, muda-se a cor da roupa. Homens usam calça e bata. Há mulheres que usam capulanas, um pedaço de pano usado para carregar os bebês”.

No final da conversa, a convidada agradeceu o convite e reafirmou a necessidade de realizar pesquisas sobre o assunto, pois muito se tem falado e escutado, porém é uma versão contada por quem está de fora. Além disso, reforçou a importância da quebra do preconceito, não só contra as religiões, mas também, contra os negros. Tocado o sinal para ida ao recreio, alguns saíram correndo, outros a cercaram para conversar sobre o que foi exposto ou tirar dúvidas.

Na aula seguinte dialogamos sobre esse momento. “A religião de matriz africana tem costumes diferentes”. “É uma forma de se expressar com outros deuses”. “Ela trouxe muita coisa que a gente não sabia”. “As pessoas criticam sem mesmo saber”. “A sociedade fala dessas religiões coisas que nem sempre são verdades”. “Ela falou muita coisa diferente”. “Continuo não gostando, acho estranho”. “Eu mudei de ideia”.

Avaliando a experiência pedagógica pautada no pós-colonialismo, consideramos bem-sucedido o esforço em considerar aquilo que os/as estudantes sabiam sobre o tema selecionado, além de tentar desmistificar algo que parecia natural, valorizando as diferentes narrativas que perduram sobre os assuntos tratados. Assim, deslocando as relações de poder em meio às vivências, privilegiamos o dissenso, oportunizando momentos de fala para quem foi desprestigiado pelas ações que dominaram o cenário esportivo por muito tempo. Sem querer mudar o comportamento dos/as estudantes, a proposta era experimentar, ouvir, perceber outras realidades, outros discursos. Justamente o que provocou as discussões. Os embates surgiram sempre que pontos de vista distintos se encontraram com relação ao uso do espaço para vivências, as crenças religiosas, os beneficiados com a realização dos Jogos Olímpicos no Brasil etc. Portanto, o que aqui se narrou foi apenas uma das tantas possíveis possibilidades de abordar o tema.

REFERÊNCIAS

NEIRA, M. G.; GRAMORELLI, L. C. Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações. **Pensar a prática**. Goiânia, 2017.

NEIRA, M. G. Carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, v. 12, n. 2, p. 82-103, jul./dez. 2016a.

NEIRA, M. O currículo cultural de Educação Física: por uma pedagogia da(s) diferença(s). In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.). **Educação Física cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)**. Curitiba: CRV, 2016b. p. 67-106.

SANTOS, I. L. **A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física**. 2016. 246f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. São Paulo, 2016.



Olimpíadas
at. v. de reja,
anos.

→ Não público
Não tem \$
Poucos atletas

Quais motivos podem ter levado
o Brasil ao baixo número
de medalhas?

- Pouco treino
- Falta de atletas
- Atletas inexperientes
- Preconceito, investimento só no futebol

- Falta de investimento nas outras modalidades
- Falta de espaços p/ prática de esporte